Artigo original Recebido em: 10/09/2018 Parecer emitido em: 08/10/2018

BUBNA, G.G., SANTOS, M.A.G.N. dos, Análise do nível de estresse de árbitros de voleibol da região norte do Paraná. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.17, n.04, p.25-32, 2018. ISSN; 1981-4313.

ANÁLISE DO NÍVEL DE ESTRESSE DE ÁRBITROS DE VOLEIBOL DA REGIÃO NORTE DO PARANÁ

Gregory Gonçalves Bubna
Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos Santos
FAESO-Faculdade Estácio de Sá–Unidade Ourinhos/SP

RESUMO

O objetivo foi analisar o nível de estresse em árbitros da federação paranaense de voleibol. A amostra teve 16 árbitros entre 23 a 39 anos. Utilizamos como instrumento o Teste de Estresse para Árbitros dos Jogos Esportivos Coletivos (TEPA). A análise dos dados foi através da estatística descritiva. Os resultados indicam que questões de aspecto social (competição desorganizada) apresentam as maiores médias. Na análise tridimensional dos aspectos indicou uma baixa percepção dos fatores de estresse. Conclui-se que questões relacionadas ao relacionamento social na quadra são as mais estressantes, mas que o nível de estresse dos árbitros no geral é baixo.

Palavras-chave: Árbitros. Voleibol. Estresse.

ANALYSIS OF THE STRESS LEVEL OF VOLLEYBALL REFERERS IN THE NORTHERN REGION OF PARANÁ

ABSTRACT

The objective was to analyze the level of stress in referees of the paranaense federation of volleyball. The sample consisted of 16 referees aged between 23 and 39 years. The instrument used was the Stress Test for Referees of Collective Sports Games (TEPA). Data analysis was based on descriptive statistics (mean, standard deviation and frequency and percentage distribution). The results indicate that social issues (such as disorganized competition) present the highest averages. In the three-dimensional analysis of the aspects indicated a low perception of the stress factors. It is concluded that issues related to the social relationship within the court are the most stressful, but that the stress level of volleyball referees in general is low.

Keywords: Referees. Volleyball. Stress.

INTRODUÇÃO

O voleibol brasileiro é considerado pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) como um dos melhores do mundo no qual esse reconhecimento se dá pelo sucesso das seleções feminina e masculina de voleibol, que representam o país nas diversas competições oficiais que disputam a nível internacional e pelo trabalho da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) que é referência mundial na gestão deste esporte (VIEIRA; FREITAS, 2007). No Brasil é o segundo esporte preferido e mais praticado, fazendo parte do currículo da Educação Física Escolar, com escolinhas de iniciação esportiva, clubes de formação e competição (MEZZAROBA; PIRES, 2011).

O voleibol é classificado como esporte coletivo de rede e quadra sem contato, com o objetivo de pontuar com os erros do adversário quando a bola tocar ao chão no limite da quadra (GONZALEZ, 2004), caracterizado como uma modalidade esportiva dinâmica com deslocamentos rápidos, saltos, alto nível de concentração, praticado de forma não contínua e muito potente (FELICISSIMO *et al.*, 2012; CBV, 2015).

Como em qualquer outra modalidade esportiva quer ela seja individual ou coletiva, quando se trata de um jogo oficial, de uma competição, o voleibol necessita ter uma equipe de arbitragem, considerada dentro desse cenário uma das figuras principais e polêmicas, no qual atletas e dirigentes consideram como responsáveis por seus insucessos e fonte de estresse (DE ROSE JUNIOR, 2002).

Nesse sentido, o árbitro é exigido ter eficiência e precisão em suas ações já que está envolvido em um cenário que envolve tomada de decisão, interpretações, raciocínios, análises em curtos espaços de tempo, sem poder rever a ação o que pode causar imprecisão na sua decisão final (SILVA; RECH, 2008).

Segundo Kocian et al., (2007) o arbitro é o líder de uma partida, influenciando diretamente nas atitudes das pessoas envolvidas no momento do jogo. O arbitro faz parte de uma competição tão quanto os jogadores, eles são responsáveis por fazer cumprir as regras e bom andamento do jogo, devendo passar confiança naquilo que faz, sendo preciso no julgar uma ação, coordenando de forma efetiva e usando de sua autoridade quando necessário para marcar as devidas penalidades cometidas durante a partida, podendo até influenciar no resultado caso cometa erros, mas permitindo que o jogo flua tornado a competição agradável para todos sejam eles participantes ou espectadores, exigindo uma boa preparação e condição física e psicológica (DE ROSE JUNIOR, 2002; CBV, 2015).

Segundo Nitsch (2009) o surgimento do estresse bem como o seu gerenciamento está associado a fatores pessoais e ambientais, no qual ele é concebido como o resultado de interação do homem com seu meio ambiente físico e sociocultural (PIRES; COSTA; SAMULSKI, 2012; SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009).

Diante disso, em relação aos árbitros é possível perceber que uma menor atenção tem sido evidenciada nos estudos que tratam dos possíveis fatores responsáveis por causar o estresse em suas atividades profissionais quando comparado aos atletas e treinadores (ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013). No entanto, há de ressaltar que os estudos buscam compreender quais fatores que desencadeiam o estresse na arbitragem considerando que eles sofrem influência direta de atletas, treinadores, torcedores, dirigentes no decorrer das competições que atuam (ANSHEL; KANG; JUBENVILLE, 2013; DORSCH; PASKEVICH, 2007; KAISSIDIS-RODAFINOS; ANSHEL; PORTER, 1997, MIRJAMALI et al., 2012; VOIGHT, 2009).

Uma possível manifestação de estresse pode trazer alterações fisiológicas como o aumento da frequência cardíaca, tensão, sudorese, dilatação de pupilas, apreensão e nervosismo e que afetarão de forma significativa em possíveis tomadas de decisões dos árbitros (SILVA, 2004).

Outro ponto importante a se destacar é que os árbitros ou a equipe de arbitragem é sem dúvida um dos personagens mais polêmicos dentro de uma competição, nos quais na maioria das vezes acabam sendo os principais responsáveis pelos insucessos e fracassos das equipes, dos atletas, dos treinadores e principalmente dos torcedores. Essas situações levam a uma série de reações que levam ao estresse no ambiente da competição esportiva e acreditamos que atualmente isso se faz ainda mais presente uma vez que a tecnologia como a televisão, câmeras e vídeos se fazem muito presentes nas competições esportivas, inclusive se utilizando de comentaristas de arbitragem (SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009).

No contexto esportivo segundo De Rose Junior et al., (2004) os fatores mais evidentes que levam o estresse é o jogo, a competição, pois é justamente nessa situação que os atletas demonstram suas capacidades independente das suas habilidades e de seus níveis de desempenho, o que reflete nas manifestações e reações de seus treinadores, torcedores e acabam por refletir nas atuações dos árbitros também.

No que se refere ao árbitro estar preparado para o exercício de suas funções, isso implica dizer que em um jogo, deverá ele além de dominar a técnica e as regras, necessita também que determinados comportamentos de ordem física, social e psicológica estejam de forma equilibrada, pois, caso ele tenha problemas possivelmente terá dificuldades durante o seu trabalho.

Esses possíveis problemas de comportamentos podem levar ao estresse, que segundo Samulski (2002) define como um processo que provoca reações física e psicológicas que afetam o organismo desencadeando várias alterações de ordem psicofisiológicas numa situação de enfrentamento de situações que causem irritação, excitação, medo, confusão, pressão, cobrança e até mesmo felicidade. Entre essas alterações podemos citar aumento da frequência cardíaca, nervosismo, tensão, sudorese, apreensão e pensamentos desagradáveis (SILVA, 2004).

Sendo o estresse o possível causador de todo esse conjunto de disfunções psicofisiológicas é fundamental que se identifique essas possíveis causas de estresse no ambiente do esporte, nesse caso na arbitragem do voleibol, para que se busque diminuir e até mesmo evitar as consequências que irão interferir diretamente no desempenho do árbitro (DE ROSE JUNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002).

Assim, o objetivo deste estudo foi analisar quais os aspectos, nível de estresse e questões mais relevantes são causadoras de estresse em árbitros da federação paranaense de voleibol da região norte do Estado do Paraná.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Participaram do estudo 16 árbitros de voleibol registrados na federação paranaense de voleibol de ambos os sexos, sendo 13 homens e 03 mulheres, com faixa etária de 23 a 39 anos de idade, com média de 28,1 anos. Os referidos árbitros participantes da pesquisa não se dedicam exclusivamente apenas à arbitragem de voleibol, possuindo atividades paralelas como trabalho e estudo.

Todos os participantes foram informados sobre os procedimentos que seriam realizados nas coletas de dados e, previamente à sua participação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil para experimentos com humanos, concordando em participar dos procedimentos metodológicos propostos na pesquisa.

Instrumentos

Para a coleta dos dados foi utilizado o questionário Teste de Estresse para Árbitros dos Jogos Esportivos Coletivos (TEPA) desenvolvido por Silva (2004), composto por 69 questões agrupadas tridimensionalmente compreendendo 3 aspectos do stress: o biológico com perguntas relacionadas ao cansaço físico, sono, fome, dor e disfunções orgânicas podendo interferir no seu rendimento com 4 questões (08, 09, 10, 39), o social com 40 questões (01, 02, 03, 04, 06, 07,11 a 18, 21, 22, 27, 33 a 38, 40 a 45, 49,a 54, 58, 60, 67, 69) e o psicológico com 25 questões (19, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30,31, 32, 46, 47, 48, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68).

As respostas são representadas pela escala do tipo Likert que varia de (O) Nada - 0%, (1) Pouquíssimo - 25%, (2) Pouco - 50%, (3) Muito - 75%, (4) Demais -100%.

Procedimentos

Inicialmente foi realizado o contato com a Federação Paranaense de Voleibol através do Coordenador Regional da Região Norte do Paraná e apresentamos a pesquisa que gostaríamos de fazer com os árbitros daquela região. Dando sequência a referida federação foi informada e autorizou a realização do estudo.

A aplicação do questionário com os árbitros voluntários realizou-se no mês de outubro de 2016 na reunião regional que aconteceu na cidade de Santo Antônio da Platina/PR, a partir de uma apresentação dos objetivos a serem atingidos com o estudo. Todos os presentes na reunião aceitaram participar da pesquisa. Assim, foram entregues aos árbitros um Termo de Consentimento de Livre Esclarecido que esclareceu, informou e autorizou a sua participação na pesquisa voluntariamente. Após isso foram aplicados o questionário de Teste de Estresse para Árbitros dos Jogos Esportivos Coletivos (TEPA) na sala de reuniões e o tempo médio para o seu preenchimento foi de 30 minutos.

Análise de Dados

Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva (média, desvio padrão e distribuição de frequência e percentual). Além disso, verificou-se a consistência interna (*Reliability Test*) do TEPA aplicando-se o índice de *Alpha de Cronbach*. Os dados foram tratados pelo software SPSS 19.0. O índice de significância adotado foi $p < 0,05$.

RESULTADOS

A equipe de arbitragem é composta por 16 árbitros sendo que do total da amostra temos 13 (81,25%) árbitros do sexo masculino e 3 (18,25%) do sexo feminino, com idade média de 28,1 anos.

A tabela 1 nos revela a caracterização da amostra, sendo o tempo de arbitragem, experiência e atuação. No geral a média do tempo como arbitro é de 6,0 anos, sendo 75 % de 0 a 5 anos, 0% de 6 a 10 anos, 18,75% de 11 a 15 anos e 6,25% com mais de 15 anos. A experiência e atuação são de 93,75% dos árbitros para nível regional e 6,25% para nível nacional.

Tabela 1 - Dados da frequência e percentual da Experiência/Atuação e Tempo de Arbitragem com a média geral.

Tempo de Arbitragem	0-5 anos	6-10 anos	11-15 anos	+15 anos	Média Geral (Anos)
f	12	0	3	1	
%	75,0%	0 %	18,75%	6,25%	6,01 anos
Experiência/atuação	Regional			Nacional	
f	15			1	
%	93,75%			6,25%	

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 2 encontra se os principais resultados que mais estressam os árbitros de acordo com o questionário TEPA. Sendo os valores médios maiores nas questões: Q39 de aspecto biológico, seguida das Q06, Q51, Q33, Q50 de aspecto Social, Q32 e Q46 de aspecto Psicológico.

Tabela 2 - Classificação dos aspectos, valores médios e desvio padrão dos itens com valores superiores do TEPA.

Questionário TEPA	Aspecto	M (dp)*
39 - estar mal fisicamente	Biológico	2,75 (1,23)
06 - competições desorganizadas	Social	2, 75 (1,06)
51 - comentários de quem não sabe as regras do jogo	Social	2,68 (1,13)
33 - fazer relatório	Social	2,62 (1,20)
50 - ter contato com integrantes das equipes entre um jogo e outro, ou, antes do jogo	Social	2,62 (1,02)
32 - errar seguidamente	Psicológico	2,62 (0,95)
46 - não cumprimentos do regulamento /regras/ normas por outras pessoas	Psicológico	2,62 (0,95)

* M = Média; dp = Desvio padrão. Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 3 apresenta a análise do componente tridimensional do estresse, sendo que as questões do instrumento TEPA foram agrupadas e calculadas por 3 aspectos. Verificou-se que os Aspectos Social, psicológico e Orgânico apresentam médias que indicam uma baixa percepção dos fatores de estresse proposto pelo instrumento.

Na análise da consistência interna geral apresentou Alpha de Cronbach (α) =0,958 sendo ela satisfatória com resultados individuais dos aspectos em Social α=0.92; Psicológico α=0.89 e Biológico α=0.77, os aspectos Social e Psicológico apresentou médias superiores em relação ao aspecto Biológico.

Tabela 3 - Análise por Aspecto do TEPA, média e desvio padrão e consistência interna.

Aspecto	M (dp)	Alpha de cronbach (α)
Aspecto Social	1,98 (1,077)	0,920
Aspecto Psicológico	1,96 (1,028)	0,899
Aspecto Biológico	1,90 (1,151)	0,773

Fonte: dados da pesquisa.

DISCUSSÃO

Para melhor compreender os fatores que prejudicam a atuação dos árbitros de voleibol e consequentemente seus desempenhos organizamos a discussão nas dimensões em que o estresse se manifesta, ou seja, social, psicológico e biológico.

O estresse originário de ordem social está se relaciona as particularidades e especificidades do contexto do ambiente em que os árbitros estão inseridos e com o envolvimento das demais pessoas que fazem parte do contexto nas competições como os atletas, treinadores, espectadores e outros árbitros juntamente com toda a organização logística das mesmas somados as dificuldades em atuar coletivamente com os indivíduos presentes nesse cenário (COSTA et al., 2010; DORSCH; PASKEVICH, 2007; SILVA et al., 2010; TSORBATZOUDIS et al., 2005).

O estresse psicológico está diretamente relacionado aos fatores intrínsecos, isto é, erros de arbitragem, preocupação com o desempenho, tomadas de decisões equivocadas em função da pressão do tempo, muitas vezes resumidas em frações de segundos e no caso das modalidades esportivas coletivas a subjetividade na avaliação e interpretação das ações esportivas (ANSHEL; WEINBERG, 1996; COSTA et al., 2010; DORSCH; PASKEVICH, 2007; FERREIRA et al., 2009; RAINEY; HARDY, 1999; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002; VOIGHT, 2009; LEANDRO, 2009).

A dimensão biológica do estresse se refere às condições físicas dos árbitros em função de suas atuações, como o condicionamento físico, a intensidade de esforço, competições longas e com pouco espaço de descanso e também ocorrem situações nas quais os árbitros atuam com indisposição, algum tipo de lesão, dores e até mesmo doentes e que também estão presentes na atuação dos árbitros (LEANDRO, 2009; SILVA; FERNANDES; FERNANDEZ, 2008; ROSE JÚNIOR; PEREIRA; LEMOS, 2002).

Nos resultados demográficos identificamos que dos 16 árbitros analisados 13 (81,25%) são do sexo masculino e 3 (18,25%) do sexo feminino, com idade média de 28,1 anos. No geral a média de tempo de arbitragem é de 6,0 anos, sendo 75 % de 0 a 5 anos, 0% de 6 a 10 anos, 18,75% de 11 a 15 anos e 6,25% com mais de 15 anos resultado este, diferente do estudo de Silva et al., (2010) onde o tempo de experiência dos 46 árbitros de basquete e vôlei foi de 10 anos e a idade média de 36 anos. Em outro estudo, Costa et al., (2010) que analisou 102 árbitros de futebol, sendo 94 homens e 8 mulheres, com idade média de 33 anos e tempo de experiência de 8 anos. Podemos ressaltar que essas diferenças de que os árbitros desse estudo ainda tem uma idade média baixa e com o passar do tempo à medida que aumenta a idade o tempo de experiência tende a crescer também caso continuem na profissão de arbitro.

Em relação aos resultados que mais estressam os árbitros de acordo com o questionário TEPA com valores médios maiores foram encontrados nas questões: Q39-estar mal fisicamente (2,75±1,23) de aspecto orgânico, seguida das Q06-competição desorganizada (2,76±1,06), Q51-comentários de quem não sabe as

regras do jogo (2,68±1,13), Q33-fazer relatório (2,62±1,20), Q50- ter contato com integrantes das equipes entre um jogo e outro, ou, antes do jogo (2,62±1,02) de aspecto social, Q32- errar seguidamente (2,62±0,95) e Q46- não cumprimentos do regulamento /regras/ normas por outras pessoas (2,62±0,95) de aspecto psicológico, sendo diferente ao estudo de Silva et al., (2010) ao analisar 46 árbitros sendo eles 17 oficiais de basquete e 29 oficiais voleibol, as questões mais estressantes com maiores médias foram: Q32-errar seguidamente (2,63±1,31), de aspecto psicológico seguidas das Q44-falta de responsabilidade de colegas e outras pessoas (3,0±1,37), Q45-não ter reconhecimento ou valorização (3,0±1,31) e Q47-ter que esperar por alguém (4,0±1,35) de aspecto social, mas se assemelham ao constatar que dentre as questões as de aspecto social são as que mais aparecem como fatores mais estressantes. A questão Q32- errar seguidamente, encontrada nos dois estudos mesmo não se assemelhando na posição da colocação dos resultados, elas se assemelham em relação a sua média.

Costa et al., (2010) ao analisar 102 árbitros de futebol encontrou dentre as questões sobre comprometimento e segurança entre as mais estressantes sendo elas Q48-não poder cumprir a escala (2,67±1,37) de aspecto psicológico e as Q44-falta de responsabilidade do colega e outras pessoas (2,53±1,22), Q45 - não ter reconhecimento e/ou valorização (2,45±1,24), Q01-locais com falta de segurança (2,41±1,17) e Q05-falta de segurança para chegar e principalmente voltar para casa (2,34±1,29) sendo essas de aspecto social, mesmo este estudo tendo resultados diferentes aos encontrado aqui, também coloca as questões de aspecto social entre as de maiores médias.

No estudo de De Rose Junior; Pereira e Lemos (2002) não foi encontrado situações de estresse parecidas com este, pois as situações que mais causam estresse nos 20 árbitros de basquete são as agressões físicas e cometer erros em quadra.

Errar seguidamente ou cometer erros se destaca tanto neste quanto em outros estudos como o de Ferreira et al., (2009) com árbitros de futsal e Arns, Folle e Leite (2014) e De Rose Junior (2002) com árbitros de basquete. Já Borges (2014) em seu estudo com árbitros de voleibol do Distrito Federal destacou que errar seguidamente e competição desorganizada causam mais estresse nos árbitros, corroborando com este estudo.

Analisando o componente tridimensional do estresse, as questões foram agrupadas e calculadas por 3 aspectos, classificou o aspecto Social como o de maior estresse seguidos do psicológico e Biológico com médias abaixo de dois, indicando uma baixa percepção dos fatores de estresse proposto pelo instrumento TEPA (SILVA, 2004) que corrobora com o estudo de Borges (2014), com a mesma classificação dos aspectos, Silva et al., (2010) e Costa et al., (2010), mas se contradiz em relação ao aspecto de maior estresse sendo o encontrado por eles como biológico.

Na análise da consistência interna geral apresentou Alpha de Cronbach (α) =0,958 sendo ela satisfatória com resultados individuais dos aspectos em Social α=0.92; Psicológico α=0.89 e Biológico α=0.77, confirmando a consistência do instrumento.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a produção científica relacionada ao tema é ainda incipiente. É possível perceber a tridimensionalidade social, psicológica e biológica nos fatores causadores de estresses em árbitros de voleibol e nesse sentido possuem suas particularidades e peculiaridades que são inerentes às características da modalidade em questão.

Identificamos que as situações mais causadoras de estresse nos árbitros são as relacionadas ao aspecto social, porem no geral as médias dos três aspectos (Biológico, Psicológico e Social) caracterizou-se com baixo nível de estresse. Entretanto, fatores como estar mal fisicamente e competição desorganizada é a principal fonte causadora de estresse entre os árbitros.

Sugerimos que uma atenção aos coordenadores de árbitros e organizadores de competições adotem estratégias e ações que minimizem problemas de organização das competições bem como as condições como logística, alimentação, locais de jogos de forma a contribuir e não impactar em situações causadores de estresse.

Por fim, é fundamental que o meio acadêmico e científico avance nos estudos relacionados ao tema possibilitando ampliar desta forma condições mais adequadas e apropriadas para que os árbitros enfrentem o estresse em razão de suas funções nos eventos e competições esportivas.

REFERÊNCIAS

ARNS, P.C.; FOLLE, A.; LEITE, R.M.: Nível de stress de oficiais de arbitragem do basquetebol catarinense. **Cinergis,** v.15, n.1, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/4341/3600>.Acesso em: 28 nov 2016.

ANSHEL, M. H.; WEINBERG, R. S. Coping with acute stress among american and australian basketball referees. **Journal of Sport Behavior**, Alabama, v.9, n.3, p.180-203, 1996.

ANSHEL, M. H.; KANG, M.; JUBENVILLE, C. Sources of acute sport stress scale for sports officials: Rasch calibration. **Psychology of Sport and Exercise**, Philadelphia, v.14, n.3, p.362-370, maio 2013.

BORGES**,** J.C.S.: **Análise do nível de estresse em árbitros e apontadores de vôlei do Distrito Federal.** Trabalho de conclusão de curso em Educação Física. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES e Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, 2014. Disponível em:<http://www.repositorio.uniceub.br/handle/123456789/2503/browse?type=subject&order=ASC&rpp=20&value=V%C3%B4lei> Acesso em: 28 nov 2016.

CBV, **Regras oficiais do voleibol 2015-2016**: aprovadas pelo 34º Congresso da FIBV de 2014. Disponível em:<http://2016.cbv.com.br/pdf/regulamento/quadra/RegrasOficiaisdeVoleibol-2015-2016.pdf> Acesso em: 06 nov 2016.

COSTA, V.T. et al., Análise estresse psíquico em árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n.2, p.02-16, 2010.

DE ROSE JUNIOR, D.; PEREIRA, F.P.; LEMOS, R.F. Situações específicas de jogo causadoras de "stress" em oficiais de basquetebol. **Revista Paulista Educação Física**, v.16, n.2, p.160-173, 2002.

DE ROSE JUNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, v.10, n.4, pg.19-26, 2002.

DE ROSE JUNIOR, D.; SATO, C.T.; SELINGARDI, D.; BETTENCOURT, E.L.; BARROS, J.C.; FERREIRA, M.C. Situações de jogo como fonte de stress em modalidades esportivas coletivas. **Revista Paulista de Educação Física**; São Paulo, v.18, n.4, p.385-95, out/dez, 2004.

DORSCH, K.D.; PASKEVICH, D.M. Stressful experiences among six certification levels of ice hockey officials. **Psychology of Sport and Exercise**, Philadelphia, v.8, n.4, p.585-593, 2007.

FELICISSIMO, C.T.; DANTAS, J.L.; MOURA, M.L.; MORAES, A.C. Respostas neuromusculares dos membros inferiores durante protocolo intermitente de saltos verticais em voleibolistas. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.153-164, jan./mar. 2012.

FERREIRA, H.C.A.; SIMIM, M.A.M.; NOCE, F.; SAMULSKI, D.M.; COSTA, V.T. Análise do estresse psíquico em árbitros de futsal. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.8, n.1, p.43 48, 2009.

GONZALEZ, F.J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes.** Buenos Aires, ano 10, n.71, abril de 2004. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm. Acesso em: 25 out. 2016.

KAISSIDIS-RODAFINOS, A.; ANSHEL, M.H.; PORTER, A. Personal and situational factors that predict coping strategies for acute stress among basketball referees. **Jounal os Sports Sciences**, Londres, v.15, n.4, p.427-436, ago. 1997.

KOCIAN, R.C.; BOTURA, H.M.L.; NICOLA, T.L.; ZANETTI, M.C.; MACHADO, A. A. Psicologia do esporte e arbitragem esportiva: estudos de uma profissão. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.6, n.2, p.193-200, set. 2007.

LEANDRO, C. **Avaliação do desempenho de juízes de ginástica rítmica**. Dissertação (Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G.L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Ativ. Fís., Lazer & Qual. Vida: R. Educ. Física**, v.2, n.2, pg.03-19, 2011.

MIRJAMALI, E.; RAMZANINEZHAD, R.; RAHMANINIA, F.; REIHAMI, M. Study of sources of stress in international and national referees of soccer, volleyball, basketball and handball in Iran. **World Journal of Sport Sciences**, Dubai, v.6, n.4, p.347-354, 2012.

NITSCH, J. R. Ecological approaches to sport activity : a commentary from an action-theoretical point of view. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v.40, n.1, p.152-176, 2009.

PIRES, D. A.; COSTA, V. T.; SAMULSKI, D. M. Prevenção e controle do estresse, overtraining e burnout. **Avances de la Psicología del Deporte en Iberoamérica**, Bogotá, v.1, n.1, p.41-55, 2012.

RAINEY, D. W.; HARDY, L. Sources of stress, burnout and intention to terminate among rugby union referees. **Journal of Sports Sciences**, Londres, v.17, n.10, p.797-806, Oct. 1999.

ROSE JÚNIOR, D.; PEREIRA, F. P.; LEMOS, R. F. Situações específicas de jogo causadoras de "stress" em oficiais de basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.16, n.2, p.160-173, 2002.

SAMULSKI, D.M. **Psicologia do Esporte**. 1.ed. Barueri. Manole, 2002.

SAMULSKI, D. M.; NOCE, F.; CHAGAS, M. H. Estresse. In: SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2.ed. Barueri: Manole, 2009. p. 231-264.

SILVA, A.H. et al., Análise do estresse psíquico em árbitros de voleibol e basquetebol federados de minas gerais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.9, n.2 p.53-58, 2010.

SILVA, A. I.; FERNANDES, L. C.; FERNANDEZ, R. Energy expenditure and intensity of physical activity in soccer referees during match-play. **Journal of Sports Science and Medicine**, Ankara, v.7, n.3, p.327-334, 2008.

SILVA, A.I., RECH, C.R. Somatótipo e composição corporal de árbitros e árbitros assistentes da CBF. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano**, Florianópolis, v.10, n.2, p.143-148, jul./out. 2008.

SILVA, A.S.: **Construção e validação de um instrumento para medir o nível de estresse dos árbitros dos jogos esportivos coletivos**. Dissertação de mestrado, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2004.

TSORBATZOUDIS, H.; KAISSIDIS-RODAFINOS, A.; PARTEMIAN, S.; GROUIOS, G. Sources of stress among greek team handball referees: construction and validation of the handball officials" sources of stress survey. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v.100, n.3, p.821-830, 2005.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. O que é vôlei. **Casa da palavra**, v.7, p.08-09, 2007.

VOIGHT, M. Sources of stress and coping strategies of US soccer officials. **Stress and Health**, Malden, v.25, n.1, p.91-101, fev. 2009.

Avenida Conceição, 531
Centro
Chavantes/SP
18970-000